

## Playboy, o X da questão: Quando o estereótipo de criminalidade entra no cotidiano escolar

João Batista

Como citar este texto: BATISTA, João. Playboy, o X da questão: quando o estereótipo de criminalidade entra no cotidiano escolar. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 69-88, jul./dez. 2018.

### Playboy, o X da questão: Quando o estereótipo de criminalidade entra no cotidiano escolar

Carlos Alberto Briggs<sup>1</sup>

João Batista de Abreu<sup>2</sup>

Recebido em: 19 de março de 2018.

Aprovado em: 25 de dezembro de 2018.

#### Resumo

Esse artigo discute a importância da teoria do agendamento na construção social da realidade e tem como foco a investigação do valor-notícia relacionado à criminalidade. O trabalho se fundamenta nas teorias do Jornalismo e na construção narrativa diante de um cotidiano violento. Como recorte foram analisadas duas reportagens produzidas pelas rádios *all news* BandNews FM e CBN sobre a violência no ambiente escolar no Rio de Janeiro. O objetivo é compreender as rotinas de produção noticiosa e de que forma isso afeta o público. Uma prova aplicada na terceira série do ensino fundamental de uma escola da Zona Oeste do Rio trazia uma questão que pedia aos alunos para dizer o nome completo do traficante Celso Pinheiro Pimenta, de apelido *Playboy*.

**Palavras-chave:** Teorias do Jornalismo; agendamento; radiojornalismo; criminalidade; mídia; cotidiano.

*“Ela perguntou: ‘pai, quem era Celso? Caiu na minha prova. Foi o Playboy, né?’  
Eu falei: pô, para de mentir. Botei ela até de castigo. Depois ela me mostrou a  
questão. Qual o sentido de uma pergunta dessa na prova da criança?”*

---

<sup>1</sup> Jornalista, coordenador de reportagem e produção da emissora Bandnews do Rio de Janeiro e mestrando do programa de pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. [briggsjr@gmail.com](mailto:briggsjr@gmail.com)

<sup>2</sup> Jornalista, professor titular do Departamento de Comunicação Social e do programa de pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. [joabair@uol.com.br](mailto:joabair@uol.com.br)



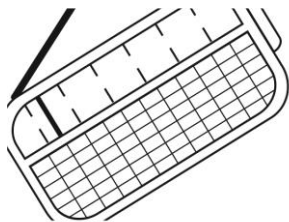
A declaração acima partiu do pai de uma estudante do 3º ano do ensino fundamental de uma escola particular, veiculada no dia 25 de agosto de 2015, aproximadamente às 10h da manhã. O Colégio Macedo Silva fica em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A identidade do entrevistado foi preservada, assim como a da criança, de nove anos. A fala editada consta em trecho da entrevista gravada concedida à rádio BandNews FM, três semanas após a morte do traficante Celso Pinheiro Pimenta durante operação policial no morro da Pedreira, em Costa Barros, Zona Norte do Rio. Para o colégio, a prova de Geografia pretendia testar os conhecimentos dos alunos sobre a realidade de um cotidiano violento. O mesmo episódio também mereceu destaque na CBN<sup>3</sup>.

O primeiro registro no ar coube à rádio Bandnews FM, durante o Jornal BandNews Primeira Edição, ancorado pelos jornalistas Ricardo Boechat e Rodolfo Schneider. O retorno imediato característico do veículo repercutiu também na CBN durante a grade de programação da emissora. Após as duas emissoras do segmento *all news* ouvirem os relatos dos pais dos alunos, indignados com o tema abordado em uma prova para crianças de nove anos. Ao longo do dia 25 de agosto – curiosamente o Dia do Soldado, por conta da data de nascimento do Duque de Caxias – foi possível acompanhar a justificativa do colégio. A BandNews ouviu a responsável pela aplicação da prova, explicando que a intenção era refletir sobre o cotidiano violento, cujos temas são retratados em redes sociais e na mídia tradicional. As veiculações ganharam repercussão no dia seguinte entre os veículos de imprensa em todos os segmentos.

Ao destacar a questão, alguns pais de alunos de idades similares também procuraram as mídias tradicionais para queixar-se de episódios semelhantes em outras escolas do Rio de Janeiro. Durante uma semana, parte da mídia carioca discutiu a forma como a criminalidade vinha sendo abordada em sala de aula, o que despertou o debate em outros importantes campos da sociedade. O rádio cumpriu mais uma vez o papel de fonte inicial de informação, difusora de ideias e caixa de ressonância da sociedade. As “celebridades” do tráfico, com suas ações espetaculosas e midiáticas, começam a ser

---

<sup>3</sup> O autor foi um dos repórteres responsáveis pela elaboração da matéria veiculada pela BandNews FM.



## **Playboy, o X da questão: Quando o estereótipo de criminalidade entra no cotidiano escolar**

João Batista

incorporados ao ambiente escolar, como se fizessem parte do cotidiano a ser assimilado pelos estudantes.

Como observa Ferraretto, “o rádio é um veículo interativo por excelência” (2007, p. 196) e hoje as redes sociais contribuem decisivamente para potencializar o conteúdo informativo divulgado originalmente seja pelas ondas hertzianas, seja pelo celular.

São muitos e controversos os conceitos de formatos de programa radiofônico. Um dos mais comuns na América Latina é o de rádio revista. O radialista cubano Lopez Vigil lembra que este formato, geralmente flexível e variável, conta com a participação efetiva dos ouvintes na escolha dos temas em pauta.

“Quando as pessoas entram em contato com a rádio para apresentar suas denúncias, quando os repórteres encontram problemas em suas incursões à rua, o processo de intermediação se ativa. (...) O processo tem três momentos: a denúncia, a interpelação e o prosseguimento até alcançar uma solução favorável. Mas estes momentos não são contínuos, lineares. Começa-se com um entrevero, denuncia-se hoje e se contata a autoridade depois” (VIGIL, 2004, P. 236).

Após a entrada no ar, pela primeira vez, da matéria sobre a questão da prova de Geografia do colégio em Realengo, o âncora Ricardo Boechat levou cinco minutos discutindo o assunto na Bandnews, o que enseja a questão da agenda *setting*.

A teoria do agendamento mostra que a chamada mídia hegemônica costuma eleger determinados episódios e personagens como merecedores de cobertura jornalístico. McCombs e Shaw (1972) explicam que, independentemente da opinião da audiência sobre os efeitos de sentido da narrativa, assuntos ganham destaque e outros caem no esquecimento, numa espécie de reação em cadeia. Os temas passam a ser discutidos na esquina e ocupam a atenção dos ouvintes. No Rio de Janeiro, os líderes do tráfico de drogas no varejo são elevados à categoria de celebridades, principalmente quando estes homens praticam (ou ordenam) ações espetaculosas. Curiosamente, não



se discute como estas drogas chegam às favelas, muito menos a origem dos armamentos usados pelas quadrilhas.

A escolha das rádios BandNews FM e CBN deve-se ao fato de se tratar-se das duas redes de emissoras de maior audiência do segmento *all news* do país. Já a opção pela mídia radiofônica procurou privilegiar o veículo que noticiou o fato em primeira mão. Além disso, considerou-se, na elaboração deste artigo, a velocidade e capacidade de gerar impacto deste tipo de mídia, onde o radiojornalismo se apresenta como alternativa eficaz quando se trata de buscar retorno quase imediato ao material noticiado, quer seja diante da audiência, quer seja na fala de especialistas, face à urgência como o tema é debatido em sociedade. Assim, a mesma história pode ser repetida, cada vez com novas informações, opiniões e desdobramentos.

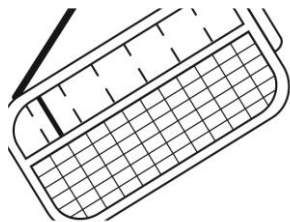
Diante desta perspectiva, o artigo discute as marcas discursivas deste episódio à luz das teorias do jornalismo, a partir da teoria construcionista. O objetivo é discutir a produção social da notícia e a consequente construção do senso comum diante das projeções midiáticas dadas ao traficante Playboy.

Celso Pinheiro Pimenta, conhecido como *Playboy*, caiu no gosto da mídia carioca entre os anos de 2014 e 2015, sobretudo pela ousadia de suas ações, como ao ordenar a invasão de uma piscina da Vila Olímpica Félix Mielli Venerando, em Honório Gurgel, em outubro de 2014. Em outra façanha audaciosa, em janeiro de 2015, *Playboy* coordenou a liberação de 200 motos retidas em um pátio do Detran, também na Zona Norte, por cerca de 100 homens. A ação ganhou destaque em todos os noticiários do Rio de Janeiro.

O traficante parecia gostar de desafiar a cúpula da segurança do Rio de Janeiro. Chama a atenção o fato de que todas estas ações aconteceram após o lançamento do longa-metragem *Alemão*<sup>4</sup>, cujo protagonista foi interpretado pelo ator Cauã Reymond, representando um personagem inspirado no próprio *Playboy*.

---

<sup>4</sup> O filme de ficção *Alemão*, dirigido por José Eduardo Belmonte e escrito por Gabriel Martins, narra a história de cinco policiais que se infiltram no Complexo do Alemão, mas são descobertos e atacados por traficantes. Estreou em março de 2014.



## **Playboy, o X da questão: Quando o estereótipo de criminalidade entra no cotidiano escolar**

João Batista

A partir das ações de enfrentamento com as autoridades policiais, as narrativas produzidas pelos veículos de imprensa de diversos segmentos ganham um viés espetaculoso. Os discursos produzidos acentuam o contraste entre a origem social de Celso Pimenta, filho de jornalista e nascido e criado nas camadas médias da Zona Sul, e o ingresso de *Playboy* no universo da marginalidade.

O senso comum tende a sugerir que os líderes do tráfico provêm necessariamente da periferia social, como se pretendesse associar pobreza e comportamento desviante. O rádio, mesmo as emissoras voltadas para um público composto predominantemente por ouvintes das camadas médias, também costuma incorporar esta narrativa, embora abra espaço às vezes para entrevistas com especialistas em segurança que têm pensamento distinto do senso comum.

Nesta perspectiva, os discursos midiáticos que compõem o cotidiano carioca chegam à escola e os personagens retratados passam a compor a memória social, tornando-se tema de questão de prova para crianças com idades entre nove e 10 anos. A prova que pedia a identidade do traficante foi aplicada menos de três semanas após a morte dele em operação policial.

### **A construção da notícia**

Ao analisar o processo de produção da notícia, a teoria construcionista parte do princípio de que todo discurso é persuasivo. Tuchman (1993) rechaça a ideia de que as notícias apenas reproduzem fielmente a realidade apresentada aos profissionais de comunicação, como defende a Teoria do Espelho. A perspectiva de considerar a subjetividade do jornalista diante de um acontecimento parece-nos o primeiro passo para incluir a noção de juízo de valor durante a construção do processo noticioso.



Na mesma linha de pensamento, cabe lembrar a observação de Tuchman<sup>5</sup> (1993) ao considerar que a notícia não pode ser compreendida como uma história, mas através de uma realidade construída e validada dentro de uma realidade específica. A realidade está condicionada ao meio social e construída a partir da perspectiva do observador. Hall<sup>6</sup> (1978) relaciona o sentido de um acontecimento midiático às conhecidas identificações sociais e culturais do meio. Para ele, os acontecimentos são dignos de ser noticiáveis também porque escapam ao controle social, possuem ingredientes de imprevisibilidade e, por isso, embutem a ideia de conflito. Algo que nos capta a atenção justamente pela nossa apreensão.

Reconhecer estas contribuições significa refletir sobre o processo de vinculação da notícia com a audiência, sem desconsiderar o subjetivismo de quem a produz e quem a absorve, durante o processo de construção noticioso. Parece oportuno destacar que ao reportar um determinado fato, o jornalista se apropria de símbolos que estão disponíveis a ele, mas limitados ao contexto no qual está inserido enquanto sujeito social. Desta forma, não se pode desconsiderar que os sujeitos reproduzem as visões de mundo que lhes são apresentadas cotidianamente em uma sociedade midiática, um processo que Hall chama de identificação e contextualização.

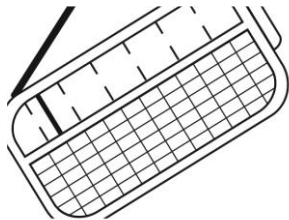
Mas o que faz a mídia tratar de algo que faça sentido a um coletivo? O que a mídia expõe como premissas de um fato para que se torne veiculado? Antes de buscar responder estas questões, é importante discutir o sentido de sentimento coletivo. Para isso, tomamos por empréstimo o conceito de imaginário social, desenvolvido por Dênis de Moraes (2009).

Para Moraes, o imaginário social atua como uma espécie de ponte de referência capaz de nos guiar pelo mundo, diante das relações apresentadas cotidianamente. Por meio desta espécie de receptáculo de alegorias, o sujeito traduz os acontecimentos diante de si recorrendo aos simbolismos depositados na consciência. Se alguém só se

---

<sup>5</sup> (TUCHMAN, Gaye 1976/1993, p. 262 apud TRAQUINA, Nelson, 2005, p. 169).

<sup>6</sup> (HALL, Stuart 1978, p.226 apud TRAQUINA, Nelson, 2005, p.177).

**Playboy, o X da questão:  
Quando o estereótipo de criminalidade  
entra no cotidiano escolar**

João Batista

torna sujeito por fazer parte de um meio social, é inevitável compartilhar significados dentro da sociedade ao qual faz parte.

(...) As significações despertadas por tais imagens estabelecem referências que definem, para os integrantes de uma mesma comunidade, os meios inteligíveis de seus intercâmbios com as instituições e sua compreensão realidade. (MORAES, 2009, p. 31)

Moraes defende que o imaginário social reproduz nossas ideologias, símbolos, alegorias, rituais e mitos, cujo interesse é justamente referendar nossas visões de mundo, cujo objetivo, em última análise, é permitir que nos desloquemos socialmente, através das compreensões dos signos propostos pelas relações sociais, amplamente midiaticizadas no cotidiano.

**A midiaticização do cotidiano**

Muniz Sodré (2009) apresenta o conceito de Bios Midiático, uma referência às esferas de existência relacionadas por Aristóteles, que define a sociedade como imersa em um processo de midiaticização. As revoluções eletrônicas tendem a acentuar tal condição, desde o surgimento do rádio, depois da televisão e reforçada após a expansão da internet. A mídia passou a fazer parte do cotidiano e funciona como extensão dos sujeitos. O que Sodré esclarece ao mencionar que falamos cada vez mais para máquinas e as máquinas se falam entre elas. Assim, os relacionamentos passam pelas tecnologias, naquilo que chamou de tecnocultura. Esta nova forma de viver a vida cria um novo ambiente, de convergências política, econômica e digital. Significa compreender que a expansão tecnológica redefiniu valores, esvaziando outras instituições de comunicação a despeito da preeminência da mídia.

O que Sodré propõe é o conceito de “espelho midiático”, que prioriza a subjetividade das narrativas midiáticas. Ele defende que a mídia referência o homem,



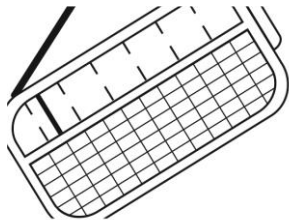
que passa a usá-la para dar sustentação à capacidade de compreender as situações cotidianas. A mídia passa a ser compreendida como algo que vai além da linguagem, e também da tecnologia, mas como um complexo sistema capaz de propor direcionamento às subjetividades dos sujeitos. São subjetividades que Sodré afirma estarem sedentas por informações e tecnologias, algo em que encontram conformidade no Bios Midiático.

Este fenômeno provoca o que estudiosos de comunicação consideram midiaticização da sociedade, já que afeta e modifica as relações interpessoais, o que também acaba por alterar a percepção de mundo dos sujeitos. Fausto Neto vai além ao mencionar que estas mudanças provocaram também alterações nos laços sociais. Assim, defende que a midiaticização da sociedade provocou uma organização social mais complexa, já que o elevado volume de produção de informação, e cada vez mais acelerado, refletiu em uma sociedade descontínua, segmentada e, conseqüentemente incompleta. Algo que Fausto Neto analisa como resultado de práticas sociais imprevisíveis, variáveis e aleatórias, ou como ele mesmo classifica “disjunções entre estruturas de oferta e de apropriação de sentidos” (FAUSTO NETO, apud SGORLA, 2009, p. 5).

Compreender esta proposição não significa abandonar a perspectiva que ainda ao ouvirmos uma matéria no rádio, vivenciamos uma realidade segundo os nossos conhecimentos, baseados em nossos discursos, códigos pré-existentes, ou ainda, validamos a notícia de acordo com as nossas visões de mundo. O que Sodré problematiza, no entanto, é quando esta visão de mundo está referenciada pela mídia, camuflada na promessa de uma informação. Uma cilada capaz de fazer criarmos um universo novo e nele vivermos. É importante destacar que Sodré, assim como diversos autores estudiosos de comunicação, não acredita no sujeito passivo, consumidor indiferente de informação, assim como a mídia deve ser compreendida como uma tecnologia inserida dentro de um contexto social.

Este entendimento é importante para avançarmos sob a análise de que a simples exposição midiática não garante o consumo, ou seja, a eficácia no direcionamento de nossas relações. Para Sodré, é imprescindível a aplicação correta dos códigos, no sentido





## **Playboy, o X da questão: Quando o estereótipo de criminalidade entra no cotidiano escolar**

João Batista

de a mídia fazer despertar os códigos desejados nos sujeitos, gerando a identificação, ou ainda o que Sodré chama de nexos atrativos, inserido num processo de vinculação entre os sujeitos e os signos propostos pela mídia, atendendo uma das etapas do processo de comunicação. É quando o sujeito assimila um comportamento construído pelos signos propostos. A eficácia desta associação está intimamente ligada ao meio social do indivíduo, do qual a mídia faz parte, inclusive, contribuindo ao balizar o cotidiano.

Vencida esta etapa, Sodré acrescenta que a mídia consegue então reger os códigos que influenciam as opiniões e atitudes dos sujeitos. Estas manifestações acontecem justamente nos espaços públicos, locais onde a sociedade torna visível as representações que os grupos sociais fazem de si mesmos. Agem como uma espécie de vigilância coletiva.

Devemos, no entanto, compreender este espaço público como uma espécie de batalha pelo poder. Tomemos emprestado aqui o conceito de Gramsci (1999) ao definir a sociedade civil como uma arena, um campo de batalha pela conquista da hegemonia, definida como a supremacia de uma cultura a despeito de outra, considerada submissa. Para Gramsci, a conquista da hegemonia é uma batalha gradual, contínua e demorada, onde o mais importante é atingir o consenso dos sujeitos, tarefa impossível sem a conquista do que classificou como aparelhos hegemônicos.

A estes aparelhos, Gramsci definiu como aqueles responsáveis por difundir uma ideologia e, portanto, fazem parte dos círculos sociais dos sujeitos. Esta premissa contribui para analisarmos que tais aparelhos auxiliam na construção de visões de mundo destes sujeitos dentro do cotidiano, como as igrejas, os clubes, as escolas e também a mídia.

Queremos aqui, propositalmente, retornar ao conceito de tecnocultura, proposto por Sodré, ao defender que uma nova forma de vida criou um novo ambiente, de convergências política, econômica e digital e onde a expansão tecnológica esvaziou outras instituições de comunicação em valorização da mídia, o que nos parece oportuno

definir que como uma sociedade completamente midiaticizada, cujos comportamentos obedecem, na sua imensa maioria, aos códigos vigentes da mídia.

### **Tráfico de drogas, questão de polícia ou social?**

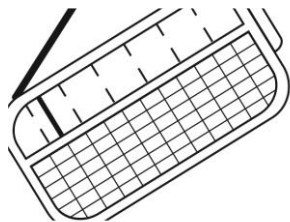
Tratamos até aqui o processo da construção da notícia, sob a ótica das Teorias Construcionistas, além da análise de mídia e seu esforço para a vinculação de seus códigos com a audiência, considerando preponderantemente as contribuições de Muniz Sodré e Dênis de Moraes. Entendemos que este percurso se faz necessário para analisarmos de forma menos subjetivamente possível as reportagens veiculadas pelas emissoras de rádios BandNews e CBN sobre o traficante *Playboy*<sup>7</sup>.

Wolf (1999) acredita que os valores que se podem tornar notícia fazem parte do nosso cotidiano e por isso, as premissas que consideram um acontecimento como factível de ser noticiado devem ser claras, de tal forma que os jornalistas sejam capazes de produzir tais articulações. A compreensão desta análise possibilita partimos do pressuposto que o profissional responsável por transformar um fato em notícia, também é orientado pelos valores do cotidiano ao qual faz parte, o que implica ainda perceber que o processo de seleção de notícias também obedece a uma necessidade de urgência. Contudo, a cultura social que referenda e é referendada pelas premissas a serem observadas diante de um valor notícia não desconsideram a questão econômica do fato:

(...) quanto mais o acontecimento disser respeito aos países de elite, tanto mais provavelmente se transformará em notícia; quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente se transformará em notícia (GALTUNG, – RUGE (1965, p.119) apud WOLF, 1999, p.200).

---

<sup>7</sup> Celso Pinheiro Pimenta, o *Playboy*, controlou o tráfico de drogas no complexo da Maré e depois no Complexo do Alemão, de onde fugiu durante ocupação das forças de segurança em 2010. Migrou para o Complexo da Pedreira, passando também a coordenar uma quadrilha de roubo de cargas no Rio. Entre os anos de 2014 e 2015 passou a ser considerado pela mídia carioca o responsável por orquestrar ações audaciosas de enfrentamento às forças de segurança do estado do Rio. Morreu em agosto de 2015 em confronto com policiais.

**Playboy, o X da questão:  
Quando o estereótipo de criminalidade  
entra no cotidiano escolar**

João Batista

Um dos maiores desafios de se alcançar o valor notícia, ou seja, atender a critérios para um acontecimento ser noticiado, está na conjugação de dois eixos limites: atender aos interesses da organização profissional e da cultura do jornalista. Sem, contudo, deixar de considerar que a cultura do jornalista também é atravessada pelas próprias narrativas midiáticas. Compreender esta perspectiva significa voltar à teoria gramsciana (1999), a qual entende a sociedade civil como um importante campo de disputa pela hegemonia.

O destaque dado pela mídia carioca a uma prova aplicada para testar o conhecimento dos estudantes sobre a identidade de um traficante parece representar um paradoxo: de um lado exhibe um tom de reprovação diante de uma espécie de glamourização de um criminoso dentro de um ambiente escolar. No entanto, a mesma mídia que revela perplexidade com este fato parece desconhecer a sua contribuição no processo de midiaticização do criminoso ao propor signos implícitos de romantização e destacar que ele não se enquadrava no estereótipo de criminalidade, categorizado aqui pela origem social do sujeito. Giltin<sup>8</sup> (1980) afirma que “ao dar destaque ao desvio, ao bizarro e ao pouco comum, os jornalistas apóiam implicitamente as normas e os valores sociais”.

Uma pesquisa no Google, feita no dia 26 de novembro de 2017, às 14h, com o nome Celso Pinheiro Pimenta, registra 516 mil exibições. A mesma busca usando o nome Fábio Atanázio tem 226 mil exibições. Não custa lembrar que FB é o apelido de Fábio Atanázio, responsável pela queda de uma aeronave da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que causou a morte de três agentes durante invasão do morro São João, no Engenho Novo, bairro da Zona Norte carioca. O episódio aconteceu em agosto de 2010.

Em setembro e outubro de 2017, os moradores da Rocinha, de São Conrado e Gávea, na Zona Sul do Rio, se viram em meio ao conflito gerado pela disputa de território

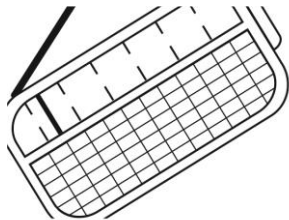
---

<sup>8</sup> GILTING, T. 1980, p.15 APUD TRAQUINA, Nelson, 2005, p. 198.

entre os traficantes Rogério Avelino, conhecido como Rogério 157, e Antonio Francisco Bonfim Lopes, o Nem. A localização geográfica da favela – junto a uma das regiões de metro quadrado mais caro do país – agendou o debate na mídia carioca, cujo ápice foi a morte da turista espanhola Maria Esperanza, em 23 de outubro, baleada por policiais militares na Rocinha. Apesar da ampla visualização do episódio (cuja cobertura ganhou mais destaque do que a violência em Japeri, na Baixada Fluminense, quando o adolescente Fernando Ambrósio, de 15 anos, morreu durante uma troca de tiros entre policiais militares e bandidos no mesmo dia); ainda é possível observar que o nome de Rogério Avelino possui 470 mil visualizações no site de buscas *Google*.

Em março de 2014, quando *Playboy* já era considerado um dos líderes do tráfico de drogas da cidade – o Disque Denúncia oferecia uma recompensa de R\$ 50 mil por informações que ajudassem na sua captura – foi lançado em março de 2014, em circuito nacional, o filme *Alemão no Brasil*. O papel de protagonista coube ao ator Cauã Reymond, que interpretou *Playboy*, em uma referência à época em que ele comandava o comércio de drogas na região. Em outubro do mesmo ano, *Playboy* chama a atenção ao ordenar que parte de sua quadrilha invadisse uma piscina e promovesse uma simulação de nado sincronizado, com a exibição de fuzis, na Vila Olímpica Félix Mielli Venerando, em Honório Gurgel. Em janeiro de 2015, *Playboy* organiza o resgate de 200 motos de um pátio do Detran, também na Zona Norte. Ambas as ações foram filmadas e postadas no *Youtube*, com repercussão nacional.

A partir destas ações de enfrentamento, verifica-se que as narrativas produzidas pela mídia, audiovisual e impressa, passam a analisar o perfil social de *Playboy*. Dessa forma, são produzidas de forma sistemática, em um intervalo de um ano, matérias de referência à formação dele em um bairro da Zona Sul do Rio, atrelado a uma frequência escolar em um colégio particular. Parece significativa a tentativa da mídia em corroborar com o estereótipo de criminalidade ao dar um aspecto de inusitado o fato de um sujeito branco, de classe média entrar para o submundo do crime. Ao reforçar estes signos, acreditamos que as narrativas midiáticas exibem uma natureza de conflito do mundo, conforme constatou Stuart Hall ao salientar que faz parte da produção noticiosa aquilo que nos escapa o cotidiano.

**Playboy, o X da questão:  
Quando o estereótipo de criminalidade  
entra no cotidiano escolar**

João Batista

Sodré lembra que, ao ouvirmos uma notícia, vivemos uma realidade de acordo com as normas pré-estabelecidas por nós mesmos. Acionamos os nossos códigos de conhecimento acerca do mundo. Mas o autor problematiza a questão ao mencionar os riscos destas perspectivas se condicionarem aos signos midiáticos, cujo interesse consiste na manutenção do discurso hegemônico.

A escola justificou o exame com base na necessidade de desenvolver o conhecimento dos alunos acerca de um cotidiano violento. A direção do Centro Educacional Macedo Sobrinho entendeu que não falar sobre o tema seria ignorar uma realidade que se apresenta diante dos alunos. O que chama a atenção é aquilo que a direção da escola entende por realidade.

A coordenadora pedagógica do Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais no Rio, Clarisse Idaís, ouvida pela reportagem da BandNews FM, chegou a dizer que a realidade violenta no cotidiano de alunos que vivem em áreas inseguras surge naturalmente, cabendo ao professor ajudar na formação dos valores positivos de uma criança. A pedagoga não descola o discurso da escola ao discurso produzido pela mídia, mas enxerga na perspectiva de ignorar a violência uma forma de preservar parcialmente os jovens de um cotidiano cruel.

A premissa de que a mídia agendou o debate escolar parece ainda mais evidente diante da justificativa de uma das professoras responsáveis por elaborar a questão. Em nota, a direção do Centro Educacional Macedo Silva informou que o objetivo pedagógico da prova foi desenvolver o espírito crítico frente a diferentes situações vividas e justificou a escolha do tema dizendo que assuntos sobre criminalidade, violência, insegurança e tráfico são recorrentes no cotidiano do Rio de Janeiro, noticiados pela mídia e presente nas redes sociais.

A influência da mídia na pauta escolar não é nova, mas a ausência de percepção de que os códigos propostos durante as narrativas da mídia estão sendo absorvidos pelo cotidiano e não enfrentam resistência sequer nos locais de questionamentos, como o



ambiente escolar, parece-nos relevante diante da análise que pretende cumprir este artigo.

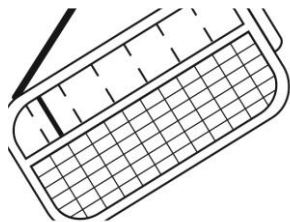
Tal perspectiva força ao analisarmos ainda o discurso da escola em debater as questões trazidas pelos próprios alunos para a sala de aula. Um paradoxo com a fala de uma das próprias estudantes, ao questionar ao pai quem era Celso Pinheiro Pimenta.

A cobertura jornalística sobre as ações do traficante Celso Pinheiro Pimenta ajuda a reforçar o estereótipo de comportamento desviante e espetaculoso, como um anti-herói que, não apenas transgredir a lei, mas desafia a autoridade policial. Como detentora do discurso hegemônico, a mídia reproduz valores presentes no imaginário social.

Não se discute o que leva um jovem originário de camadas médias, que em tese teria condições de desfrutar de vida confortável, a mergulhar na marginalidade. A celebridade fugaz simboliza o prêmio; a morte, a punição exemplar, o que paradoxalmente parece contribuir para martirizar Playboy, propondo uma associação ao imaginário social de grandes vilões eternizados em folhetins, quase sempre simpáticos ao público. O rádio pode abrir espaço para entrevistas com especialistas em violência que discutam a trajetória de jovens rumo à criminalidade, trazendo questões de ordem social. Mas este conteúdo informativo não costuma fazer parte da programação do radiojornalismo. Nesta seara, nada muda em 20 minutos. Em 20 anos, talvez.

O rádio brasileiro, através da História, ajudou (e ainda ajuda) a fomentar os estereótipos do senso comum. No Rio de Janeiro, o programa *Patrulha da Cidade*, <https://www.youtube.com/watch?v=bHKOmPJ2sg>, líder de audiência na hora do almoço e no ar há mais de 50 anos na Rádio Tupi, mistura drama e jornalismo. Lança mão de diversos estereótipos, como bandido, criminoso, malfeitor, xilindró, para nomear personagens retratados na narrativa de repórteres, locutores e radioatores.

Embora seja preciso reconhecer certa evolução no cuidado com a linguagem jornalística para evitar o reforço de preconceitos e estereótipos, o radiojornalismo ainda adota hoje um enunciado que privilegia a versão oficial – seja da Polícia, seja do Ministério Público – quase sempre plenas de juízos de valor difíceis de serem

**Playboy, o X da questão:  
Quando o estereótipo de criminalidade  
entra no cotidiano escolar**

João Batista

confirmadas no atropelo da apuração jornalística. Também é curioso destacar que adjetivos como “criminoso”, “bandido” ou “marginal” não costumam ser aplicados quando se trata de relatar prisões e condenações de políticos, servidores públicos ou de empresas estatais e empresários.

O programa se revela um bom exemplo do que afirma Muniz Sodré, para quem a mídia está presente em todo o cotidiano e produz uma representatividade que costuma ir além dos discursos propostos. Tal perspectiva parece ganhar força quando se nota que a escola de Realengo justifica a aplicação da questão da prova de Geografia sob o argumento de que é preciso preparar o aluno para os acontecimentos do cotidiano. Mas a escola silencia sobre a atuação do grupo miliciano conhecido como Liga da Justiça, que opera na Zona Oeste. As duas rádios *all news* divulgam com frequência denúncias de parlamentares da oposição e policiais da ação das milícias nesta região, mas o tema não ultrapassou os muros da escola.

Ao romper com os estereótipos de criminalidade, Celso Pinheiro Pimenta desperta o interesse da mídia hegemônica. Ao desmistificar os signos narrativos atribuídos a um chefe de quadrilha que domina a periferia, *Playboy* rompe expectativas pré-estabelecidas. Mas ao transbordar do noticiário policial para as salas de aula – sem ser visto como uma questão social – a narrativa se limita à reverberação do preconceito, atuando não como revisor das questões norteadoras do cotidiano e abonando o seu lugar de resistência, mas como elemento de reforço de uma educação conservadora. Nada sobre a ausência dos serviços públicos nas comunidades da periferia. Nada sobre os direitos de todo cidadão que a escola tem a missão de incutir no jovem. Nada sobre a educação a partir da realidade local, como prega Paulo Freire. Apenas uma escola sem partido numa cidade partida.



### Referências bibliográficas:

FERRARETTO, Luiz. **Rádio** – o veículo, a história e a técnica, Porto Alegre, Dora Luzzatto, 3º ed, 2007.

GRAMSCI, Antônio. **Cartas do cárcere**. Org. de Carlos Nelson Coutinho. Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MORAES, Dênis de. **A Batalha da Mídia**. Governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e Outros Ensaios. Rio de Janeiro. Pão e Rosa, 2009.

McCOMBS, Maxwell. SHAW, Donald. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. Public Opinion Quarterly, vol.36, n.2 (jun-set.1972), pp.176-187, 1972.

SODRÉ, Muniz. **A Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis. RJ. Vozes. 2009.

SGORLA, Fabiane (2009). **Discutindo o “processo de midiaticização”**. Revista Mediação. p. 285-288, 2009.

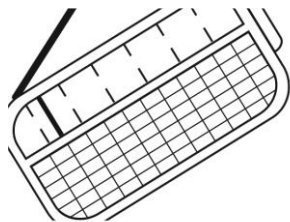
TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.

VIGIL, José Ignacio Lopez. **Ciudadana rádio** – el poder de periodismo de intermediación, San Miguel (Lima), Ed. Linea y Punto, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking. Lisboa. 5 ed., 1999.

**Patrulha da Cidade**, <https://www.youtube.com/watch?v=bHKOmPJ2sg>.





**Playboy, o X da questão:  
Quando o estereótipo de criminalidade  
entra no cotidiano escolar**

João Batista

**Anexos I**

**Matéria veiculada na BandNews em 25 de agosto de 2017, por volta de 10h da manhã:**

*“No meio de uma prova de Geografia para alunos do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola particular do Rio, uma pergunta revoltou pai de um dos estudantes de apenas 8 anos: as crianças deveriam responder qual o apelido do traficante Celso Pinheiro Pimenta, o Playboy, morto em operação policial em favela da Zona Norte do Rio, no início do mês.*

*A questão de múltipla escolha, aplicada na semana passada pelo Centro Educacional Macedo Silva, em Realengo, na Zona Oeste, trazia ainda como opções de resposta outros bandidos, como “Fu da Mineira” e o “PQD”, presos pela polícia.*

*O ouvinte, que teve a identidade preservada e a voz distorcida, chegou a acreditar que a filha estava mentindo, ao comentar a avaliação.*

((SONORA))

*Especialistas criticam o que chamam de valorização de personagens negativos para a história da cidade. A coordenadora pedagógica do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais no Rio, o IBMEC, Larissa Idaís, explica que a realidade violenta de alunos que vivem em áreas inseguras surge naturalmente e que cabe ao professor ajudar na formação dos valores positivos de uma criança.*

((SONORA))

*A escola reconheceu o erro. Uma das professoras responsáveis pela aplicação da prova, Fernanda Lopes, admitiu que a elaboração da questão foi uma decisão infeliz.*



((SONORA))

*O colégio informou que ouve as questões trazidas pelos alunos e promove debates constantes diante da realidade dos estudantes.*

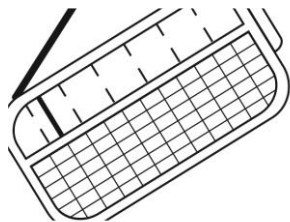
**Matéria veiculada na CBN no dia 25 de agosto de 2017, por volta de 11h da manhã:**

*Uma questão de prova sobre o traficante Playboy, em uma escola em Realengo, na Zona Oeste do Rio, causou indignação dos pais de alunos do 3º e 5º anos. O colégio justificou a escolha do tema dizendo que assuntos sobre criminalidade, violência, insegurança e tráfico são recorrentes no dia a dia do Rio.*

*O traficante Celso Pinheiro Pimenta, Playboy, morto no dia 8 de agosto, virou questão de prova do Centro Educacional Macedo Silva, em Realengo. Os alunos do 3º e 5º anos responderam uma pergunta sobre a identidade do criminoso em uma prova de Geografia, na semana passada. A questão perguntava o apelido de Celso Pimenta. No entanto, o tema abordado causou indignação de alguns pais. Patrícia Passos, mãe de um estudante de 11 anos, disse que a exemplo de outros pais, vai fazer uma reclamação na direção da escola.*

((SONORA))

*Segundo Patrícia, a escola já tinha feito algo parecido antes. No ano passado, o filho respondeu uma questão de prova sobre a invasão de uma favela por bandidos. Em nota, a direção do Centro Educacional Macedo Silva, em Realengo, informou que o objetivo pedagógico é "desenvolver o espírito crítico frente a diferentes situações vividas" e justificou a escolha do tema, dizendo que assuntos sobre criminalidade, violência, insegurança e tráfico são recorrentes no dia a dia do Rio e são noticiados na mídia e redes sociais".*

**ANEXO II**

Tarde de agosto de 2015. Toca o telefone da redação da rádio BandNews FM. Do outro lado da linha, um ouvinte indignado expõe a situação pela qual a filha, de 9 anos, havia passado. A estudante foi submetida a uma questão de Geografia, aplicada pelo Centro Educacional Macedo Silva, de Realengo, na Zona Oeste. O objetivo da prova era testar o conhecimento dos alunos acerca do apelido do traficante Celso Pinheiro Pimenta. Questão múltipla escolha, cujas respostas traziam os apelidos de outros traficantes do Rio.

Três fatos chamaram a atenção:

- 1) A escola entender que os alunos deveriam saber o apelido de um traficante e isso deveria ser compreendido como maneira de testar os conhecimentos destas crianças;
- 2) O fato de a prova ter sido aplicada três semanas após a morte de Celso Pinheiro Pimenta e, conseqüentemente, se tratar de um movimento produzido pela unidade de ensino de manutenção da memória do traficante, sobretudo através do apelido pelo qual ficou conhecido.
- 3) Por fim e não menos importante, o fato de um traficante atravessar as páginas policiais e passar a frequentar a comunidade escolar, através de um debate que passava ao largo das questões sobre desigualdades sociais, ausências de políticas públicas ou ainda aliciamento de jovens, em situações cada vez mais precoces, para o crime organizado, a despeito da evasão escolar. Daí a ideia de propor a realização deste artigo acadêmico, junto com meu orientador de mestrado.



### **Abstract**

This article intends to discuss the symbols proposed by the media for the construction and reconstruction of the idea of crime within the daily life, through schedules in social relations, whose discussion reaches the classrooms. The perspective is to propose a debate about the way in which the narrative construction takes place before the reality of a violent daily life, to consider the social aspects of the transgressor individual, acting as a way of marking the interactions in society and, ultimately, We analyzed two reports produced by all news newsgroups BandNews FM and CBN, in which the question of one of the tests applied to the third year of elementary school in a school in the West Zone of Rio questioned the students about the surname of the trafficker Celso Pinheiro Pimenta, the Playboy.

**Keywords:** Theories of Journalism, radiojournalism, crime; media; daily.

### **Resumen**

Este artículo discute la importancia de la teoría de la programación en la construcción social de la realidad y tiene como foco la investigación del valor-noticia relacionado con la criminalidad. El trabajo se fundamenta en las teorías del Periodismo y en la construcción narrativa ante un cotidiano violento. Como recorte se analizaron dos reportajes producidos por las radios all news BandNews FM y CBN sobre la violencia en el ambiente escolar en Río de Janeiro. El objetivo es comprender las rutinas de producción noticiosa y de qué forma afecta al público. Una prueba aplicada en la tercera serie de la enseñanza fundamental de una escuela de la Zona Oeste de Río traía una cuestión que pedía a los alumnos para decir el nombre completo del traficante Celso Pinheiro Pimenta, de apodo Playboy.

**Palabras Clave:** Teorías del Periodismo, programación, radio-periodismo, criminalidad; medios de comunicación; todos los días.